

TEÍSMO: MODELO ÚTIL, MAS NÃO ABSOLUTO PARA “IMAGINAR” DEUS

CRER OU NÃO CRER “EM DEUS” JÁ NÃO É A QUESTÃO, MAS EM QUAL DEUS CRER
JOSÉ MARÍA VIGIL

VER

Longa mas não eterna história da ideia “Deus”

Os antropólogos insistem em que o *homo sapiens* foi *homo religiosus* desde o princípio. Aquele primata começou a ser “humano” quando necessitou de um sentido para viver, e passou a perceber uma dimensão espiritual, sagrada, misteriosa...

Pensávamos que essa dimensão religiosa se relacionasse necessariamente a um “Deus”, mas hoje sabemos que nem sempre foi assim. Agora temos dados de que durante todo o Paleolítico (70.000 a.C. a 10.000 a.C.) nossos ancestrais adoravam a *Grande Deusa Mãe*, confusamente identificada com a Natureza. A ideia de “Deus” é posterior; data da época da revolução agrária (há 10 mil anos). O deus guerreiro, masculino, que mora no céu e faz aliança com a tribo... é uma ideia divina recente, que se generalizou e se impôs majoritariamente nas religiões “agrárias”.

O conceito grego de deus (*theós*) marcaria mais tarde o Ocidente: é o “teísmo”, uma forma de conceber o religioso, centrando-o todo na figura de “Deus”. Os deuses vivem em um mundo acima do nosso, e são poderosos, mas têm paixões humanas. Os filósofos gregos criticarão essa imagem demasiado humana dos deuses. Também o cristianismo purificará sua imagem de Deus, que continuará sendo, apesar de tudo, bastante antropomórfica: Deus ama, cria, decide, se arrepende, intervém, perdoa, redime, salva, tem um plano... como nós, que afinal fomos feitos à sua *imagem e semelhança*.

Esse Deus todo-poderoso, Criador, Causa primeira, Senhor, Juiz... ficou no centro da cosmovisão religiosa ocidental, como a estrela polar do firmamento religioso em torno do qual tudo gira. De Deus não se podia nem duvidar: a dúvida já era um pecado contra a fé. Crer ou não crer em Deus, essa era a questão decisiva.

A ciência e a modernidade chocam-se com Deus

Mas, a partir do século XVII, o avanço da ciência foi fazendo “Deus” retroceder em tudo aquilo que até então lhe era atribuído. Hugo Grotius disse: tudo funciona autonomamente, etsi Deus non daretur, como se Deus não existisse. A ciência descobre as “leis da natureza”; os duendes e os espíritos já não são necessários, os milagres desaparecem, e até se tornam inacredi-

táveis. Bultmann dirá: não se pode ser moderno e crer no mundo de espíritos tradicional.

Não somente a ciência, mas também a psicologia social transforma-nos: o ser humano moderno adulto não se sente à vontade diante de um Deus paternalista, tapa-buracos (veja Torras, p. 66*). Bonhoeffer dirá: “Deus se retira, nos chama a viver sem ele, em uma santidade laica”.

Se no século XVIII começou o ateísmo, no século XX ele se multiplicou por 12: foi a opção “religiosa” que mais cresceu. Aumentam os “a-teus”, os “sem-Deus”, que não são pessoas de má vontade que queiram combater Deus, mas pessoas para as quais Deus não se torna crível nem sequer inteligível. A ideia clássica de “Deus” começa a ser questionada.

Revisitando a questão

O cristianismo ocidental dos séculos XVIII-XIX interpretou o ateísmo como anticlericalismo, e, em parte, tinha razão. Mais tarde, porém, reconheceria que outra grande parte de razão a tinham os críticos ateus: “os cristãos velamos mais que revelamos o rosto de Deus” (Vaticano II GS 19). Defendemos más imagens de Deus, e agora somos muitos os cristãos que reconhecemos que “eu também não creio nesse Deus em que não creem os ateus” (veja Arias, p. 42*).

Porém, hoje em dia, estamos dando um passo a mais: o próprio conceito “Deus”, embora purificado das más imagens, é um conceito limitado, e de aceitação não universal. Mais: há os que creem que certos conceitos de Deus são inclusive prejudiciais, porque transmitem ideias profundamente equivocadas à humanidade. Baltodano (veja a p. 210*) acha que é urgente mudar a imagem de Deus em seu país, porque a imagem comum que se tem lá causa-lhe dano. A questão é nova, e muito séria: é preciso visitar o conceito “Deus”?

JULGAR

A ideia de “theós” tem seus problemas

Começemos reconhecendo alguns:

- a “objetivação” de Deus: é “um ser”, muito especial, mas um ser concreto, um “Indivíduo”... que vive no céu, lá em cima, lá fora... A imensa maioria dos crentes acredita que ele é assim, literalmente;
- é uma “pessoa”: ama, perdoa, ordena, tem um

*As citações entre parênteses referem-se a páginas deste próprio livro.

plano... como nós... (Não é antropomorfismo?);

– é todo-poderoso, Senhor e Juiz universal, premiador e castigador... (Uma projeção do sistema agrário?);

– exerce e retém a responsabilidade última sobre o curso da história. (Não tira nossa responsabilidade?);

– é o Criador: absolutamente “transcendente”, totalmente diferente do cosmos... (Um dualismo radical que põe o Absoluto de um lado, e a realidade cósmica, despojada de todo valor, de outro?); e

– tradicionalmente foi um deus “tribal”, de meu país ou de minha religião, que “nos escolheu” e nos protege diante dos outros, nos revelou a verdade e nos dá uma missão universal comum sobre os demais...

Bem considerado, tudo isto não é mais que uma forma de imaginar Deus, mas uma maneira que, há tempos, se torna inaceitável para um número crescente de pessoas... que acham que creem em Deus, mas não nesse tipo de Deus, não em “theós”, que não seria mais que uma forma agrária de imaginar-conceber a Divindade... Deus tem de ser algo mais profundo que o que essa fé tradicional imaginou como Deus.

Estabeleçamos uma distinção

Uma coisa é acreditar no Mistério de Deus, na Divindade – a Realidade última, inexprimível –, e outra é acreditar que esse Mistério adote a forma concreta de Deus-theós (um ser, lá em cima, todo-poderoso...).

Crer na Realidade última, sem imagem de Deus

– A Realidade última não pode ser tão simples quanto essa imagem de Deus-theós... Não podemos confundir o que, na verdade, é a Realidade última, com nossa ideia de “Deus”. O teísmo é um “modelo”, uma forma concreta de imaginar-conceber o divino, um instrumento conceitual, uma ajuda, não imprescindível.

– É um instrumento cultural (veja Marina, p. 222*), que se tem mostrado sumamente útil, genial inclusive; mas não é uma “descrição” da Realidade última, que não podemos “imaginar”.

– É uma criação humana; por isso tem mudado, e está mudando; agora nos parece uma ideia evidente, mas a humanidade passou muito tempo sem ela.

– Hoje, para muitas pessoas, torna-se curta: não conseguem aceitar essa forma de imaginar a Realidade última. Sentem que o “teísmo”, a imaginação da Realidade última como “Deus”, não é a única maneira de se relacionar com ela, não é a melhor, nem sempre é boa.

Não é o caso de desqualificar o “teísmo”, que para muitas pessoas foi ou é útil, imprescindível até.

Trata-se de descobrir que é somente um instrumento, e que outras pessoas necessitam de outro modelo, não teísta. Crer ou não crer em “Deus” já não é a questão; o importante agora é a experiência espiritual de cada um.

AGIR

• Quem se sentir bem com a forma teísta tradicional pode continuar com ela; ninguém deve ser molestado.

• Contudo, muitas pessoas e comunidades tradicionais agirão certo em rever este tema: não ficaria bem ignorá-lo simplesmente por preguiça.

• Em geral fazem falta novas imagens, outras metáforas para Deus; as tradicionais estão desgastadas e para muitas pessoas já não servem mais (veja a p. 228*).

• Hoje em dia, um número crescente de pessoas descobre que o teísmo torna-se para elas incompatível com sua percepção atual do mundo e que, fora do teísmo, paradoxalmente, elas se reconciliam com a dimensão divina da realidade, com a Realidade Divina, novo nome – mais respeitoso – que dão a Deus.

• Os teólogos cada dia veem mais clara a possibilidade de um cristianismo pós-teísta, embora falte muito para deixar assentar bem esta intuição. Assim, poder-se-ia ser cristão e não ser teísta, não acreditar em um “Deus-theós”, mas na Realidade divina, na Divindade.

• Pode-se – e deve-se – reler as religiões para além do teísmo (algumas não são teístas). Assim como o modelo “Deus” não é imprescindível, tampouco o é a forma teísta clássica das religiões. Podemos viver além do teísmo, embora não possamos viver além da Realidade Última. Uma reinterpretação pós-teísta do cristianismo já está sendo feita por muitos, na prática e na teoria, e convém conhecê-la (veja Spong, p. 216*).

• A experiência espiritual do ser humano é permanente, e vai se aprofundando, mas as imagens e explicações que temos dado a nós mesmos para compreendê-la e expressá-la têm variado, e variarão, conforme cresce nosso conhecimento.

• A polêmica tradicional pela existência de Deus (crer ou não crer em Deus...) é uma discussão que já não tem sentido... O modelo teísta não é absoluto; é tão tradicional que parece imprescindível a muitos, mas não é. E a alternativa ao teísmo não é o ateísmo, mas o “pós-teísmo”, ou simplesmente, o não teísmo. Ambas as formas são compatíveis com a experiência espiritual do ser humano.